



O TRABALHO E A INFLUÊNCIA DE UM CAPELÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

THE WORK AND THE INFLUENCE OF A CHAPLAINCY IN THE SCHOOL ENVIRONMENT

Ana Lúcia dos Santos Antunes¹
Mariluce Emerim de Melo August²
André Felipe Klassen³

RESUMO

Este estudo trata do trabalho do Capelão Escolar. O capelão é a pessoa normalmente vinculada a uma denominação religiosa, líder ou pastor, atuante no cuidado espiritual e emocional em uma determinada instituição pública ou privada. O objetivo geral dessa pesquisa bibliográfica é destacar possibilidades de valorização e influências positivas da capelania nas escolas, pois uma das finalidades de se ter um capelão presente é para promover apoio, tanto aos estudantes e seus familiares como aos profissionais da área educacional. No ambiente escolar deve atuar com os alunos e equipe pedagógica influenciando positivamente em diversas áreas de suas vidas. A capelania escolar pode ser exercida em forma de aconselhamento cristão, por exemplo. A pesquisa concluiu que o trabalho do capelão é relevante e tem várias possibilidades. No entanto, ele deve aplicar seus conhecimentos de maneira ética, respeitosa e com empatia.

PALAVRAS-CHAVE: Capelania Escolar. Aconselhamento. Sistema Educacional. Espiritualidade. Aconselhamento no ambiente escolar.

ABSTRACT

This study deals with the work of the school chaplain. The chaplain is the person normally linked to a religious denomination, leader or pastor, active in spiritual and emotional care in a

¹ Discente do curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Fidelis. analuciaantunes1@hotmail.com

² Doutora em Teologia pela PUCPR. Docente da Faculdade Fidelis e da Faculdade de Teologia Evangélica (FATEV). mariluce.august@fidelis.edu.br

³ Mestre em Teologia pela FABAPAR. Diretor Acadêmico da Fundação Educacional Menonita. andre.klassen@erasto.com.br

particular public or private institution. The general objective of this bibliographic research is to highlight possibilities for valuing and positive influences of chaplaincy in schools, as one of the purposes of having a chaplain present is to promote support, both for students and their families and for professionals in the educational field. In the school environment, he/ she must work with students and the pedagogical team, positively influencing different areas of their lives. School chaplaincy can be exercised in the form of Christian counseling, for example. The research concluded that the chaplain's work is relevant and has several possibilities. However, he/ she must apply his/ her knowledge in an ethical, respectful and empathetic manner.

KEYWORDS: School chaplaincy. Counseling. Educational system. Spirituality. Counseling in the school environment.

INTRODUÇÃO

O tema desse estudo trata do trabalho do capelão inserido no ambiente escolar e da importância de sua atuação no meio estudantil. Capelania escolar parece um tema pouco explorado, mas importante porque, como toda espécie de capelania, lida com as demandas emocionais e espirituais das pessoas. No meio estudantil também existem necessidades a serem supridas com o auxílio e a ajuda de um capelão.

A motivação para a escolha pessoal desse tema foi o fato de que, mesmo conversando com pessoas mais esclarecidas, estas não sabiam nem o significado da palavra capelão. Outras ligam diretamente ao sentido religioso e de certas denominações religiosas. Portanto, é um tema que necessita de mais esclarecimento para a sociedade no sentido da possibilidade de ser reconhecida sua relevância. Tem-se o intuito de acrescentar este estudo aos escritos existentes pelo potencial de auxiliar profissionais a aprimorar seu trabalho nessa área. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica, abordando-se o tema de capelania escolar, aconselhamento cristão e dinâmicas para capelania, bem como as pesquisas publicadas em forma de artigo científico relacionadas ao tema.

Procurou-se verificar quais trabalhos de capelania poderiam ser desenvolvidos para a faixa etária do ensino fundamental³ abordando crianças e adolescentes em escolas públicas ou privadas, e quais as possibilidades de reconhecimento do trabalho do capelão. Acredita-se na existência de ambientes escolares que não valorizam o trabalho de capelania escolar por desconhecer sua relevância, por isso o tema se justifica.

³ O ensino fundamental faz parte da chamada educação básica no Brasil. É uma etapa escolar com duração de 9 anos e a matrícula nesta etapa é obrigatório para todas as crianças do país com idade de 6 a 14 anos. MATÉRIAS ESCOLARES – Ensinos fundamental e médio. Ensino Fundamental e Ensino médio 1º e 2º grau, escolas e dúvidas: Disponível em: <<https://www.materias.com.br/educacao/ensino-fundamental-e-ensino-medio/>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

O objetivo geral desse estudo é destacar possibilidades de valorização e influências positivas da capelania nas escolas, pois uma das finalidades de se ter um capelão presente é para promover apoio, tanto aos estudantes e seus familiares como aos profissionais da área educacional. O estudo está sistematizado com os seguintes tópicos: Considerações sobre a capelania; O capelão e os objetivos da capelania escolar; O cuidado espiritual com base no aconselhamento cristão; Atividades que podem fazer parte da capelania escolar.

1 CONSIDERAÇÕES SOBRE CAPELANIA

1.1 ORIGEM DA ATIVIDADE DO CAPELÃO

Para entender melhor o que é capelania escolar, primeiramente é necessário saber o significado de capelania, como surgiu, qual sua história, e qual caminho percorreu para chegar ao que se sabe hoje.

Como descreve Alves (2017, p. 65), a noção da atividade de capelão surgiu no contexto militar.

Conta-se que no ano 338 d.C. – um ano após a morte do Imperador Constantino – Martinho teve uma experiência religiosa de natureza mística que transformou sua vida. Na ocasião, tinha 22 anos de idade, era militar do Exército e catecúmeno cristão. As tropas estavam aquarteladas na atual Amiens. Martinho saiu para fazer a ronda noturna nos arredores da cidade. Foi quando encontrou com um mendigo quase nu, num dos portões da cidade, sob o frio intenso da madrugada, o qual pedia a todos que por ali passavam que tivessem compaixão dele. Não dispondo de nada para oferecer ao pedinte, Martinho cortou sua própria capa (manto) de lã ao meio e lhe deu uma parte. Na noite seguinte, diz a lenda, que Martinho teve um sonho no qual contemplou anjos que cobriam o ombro de Jesus com a parte do manto que ele oferecera ao mendigo. Foi então, que teria ouvido Jesus lhe dizer: “Martinho, sendo ainda catecúmeno, vestiu-me com este manto”.

Martinho permaneceu no exército até os 40 anos de idade. Tornou-se discípulo de Santo Hilário de Poitiers, o qual o consagrou diácono, e com 55 anos de idade, Martinho foi ordenado bispo de Tours. Sua capa virou uma espécie de relíquia e em tempos de guerra era levado à frente das tropas tornando-se uma figura de proteção à França (ALVES, 2017, p. 65, 66). De acordo com o autor,

[...] essa capa foi preservada, e no sétimo século foi guardada em um oratório que, por isso, passou a chamar-se cappella. Com o passar do tempo esse termo passou a designar qualquer oratório e, com isso, o sacerdote que era encarregado desses oratórios passou a ser chamado de capellanus – capelão. Em torno do século 14, a palavra capella passou a designar generalizadamente qualquer pequeno templo destinado a acolher o Cristo no acolhimento dos irmãos mais necessitados.

Assim, o uso do termo “capela” inicialmente era por causa da capa de São Martinho de Tours e mais adiante por causa do oratório, onde guardavam a capa a qual chamavam de capela. Na França costumava-se levar um oratório de São Martin de Tours para o acampamento militar em tempos de guerra e era colocado numa tenda especial, a qual chamavam de capela. Um sacerdote era mantido para o ofício religioso e aconselhamento. Esta experiência foi perdurando, e mesmo em períodos de trégua, a capela permanecia no reino, geralmente com um sacerdote na qualidade de conselheiro e por encarregar-se da capela ficou intitulado como “capelão”. O hábito passou a ser estabelecido, inclusive em Roma.

Em 1789, esse ofício foi abolido na França, mas restabelecido em 1857, pelo Papa Pio IX. A esta altura, o sacerdote que tomava conta da capela, que era chamado Capelão, passava a ser o líder espiritual do Soberano Rei e de seus representantes. O serviço costumava estender-se também a outras instituições: Parlamentos, colégios, cemitérios e prisões (ALVES, 2017, p. 67).

A expressão “capela”, em português, veio simbolizar um santuário cristão complementar designado a prestar auxílio espiritual individualmente ou em grupos. Por isso, encontram-se capelas em colégios, faculdades, instituições, presídios, quartéis, fazendas, etc. (ALVES, 2017, p. 66).

A atividade de capelania no Brasil começou a ser exercida também na esfera militar em 1858 com o nome de repartição eclesiástica, somente pela igreja católica e foi extinto em 1899. No decorrer da Segunda Guerra Mundial, o ofício foi reimplantado com um novo nome: “Assistência Religiosa das Forças Armadas”. No mesmo período foi criada também a “Capelania Evangélica”, assegurando assim a participação do capelão evangélico. João Filsen Soren, pastor batista do Rio de Janeiro, foi muito importante no decorrer da Segunda Guerra Mundial, atuando como capelão e depois continuou pastoreando a igreja por mais de 50 anos (COSTA, 2009).

1.2 CONCEITO DE CAPELANIA

O conceito de capelania o qual vem sendo desenvolvido ao longo do tempo, pode ser explicado desta maneira:

Denomina-se capelania o tipo de serviço cristão realizado pela igreja em obediência ao mandado de Cristo, em determinados espaços, institucionais ou não, públicos ou privados, para prestação de assistência religiosa especializada, pela perspectiva de um cuidar pastoral, atendendo a peculiaridades de cada espaço, como expressão do amor compassivo de Deus para com o ser humano, independentemente da orientação filosófica ou religiosa das pessoas assistidas (ALVES, 2017, p. 69).

Existe também uma definição de capelania escrita por Walmir Vieira, em seu livro “Capelania Escolar - Desafios e oportunidades”: É a de que Capelania, se caracteriza por “uma espécie de espaço do sagrado, de apoio espiritual, de consolo dentro das instituições que a adotam”. E já existe atualmente a capelania militar, hospitalar, governamental, prisional e escolar ou universitária. “Em algumas denominações, como a metodista e católica, capelanismos são chamadas de pastorais”, por ser “um termo mais contemporâneo e mais abrangente” (VIEIRA, 2011, p. 18).

1.3 CAPELANIA EM RELAÇÃO AO ENSINO RELIGIOSO

Fazer capelania é prestar assistência religiosa e espiritual, podendo ser em conjunto ou individual, ou seja, é o ato de confortar, consolar, animar, encorajar em momentos de tristeza, dor e necessidades das mais diversas. É compartilhar uma palavra de esperança, independentemente da situação e condição. É estar presente com atos de bondade, visando o bem estar do semelhante (UNIVERSIDADE DA BÍBLIA, 2012). Enfim, é também ouvir, acolher e receber esse aconselhando a fim de atender suas necessidades.

Sobre capelania escolar e sua legalidade, Vieira (2011, p. 50, 51) esclarece: “a legislação dá respaldo para a ação da capelania não somente nas escolas particulares, mas também públicas, desde que respeitadas às opções religiosas individuais”, por mais que não haja uma legislação específica sobre isso.

O que existe a respeito de Ensino Religioso é suficiente para dar segurança ao trabalho. Muito se tem dito sobre a questão do Ensino Religioso nas escolas, alguns até sem o conhecimento elementar da legislação que versa sobre o assunto: Constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e bases da Educação em seu artigo 33 – Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, com redação dada pela Lei nº 9475, de 22 de julho de 1997 (VIEIRA, 2011, p. 50,51).

Em relação aos dispositivos legais sobre a capelania escolar, o autor destaca os seguintes:

a) Constituição Federal de 1988:

Artigo 5º, Inciso VI – É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias.

Artigo 5º Inciso VII – É assegurada, nos termos da Lei a prestação de assistência, nas entidades civis ou militares de internação coletiva.

Artigo 210 Inciso I – O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental.

b) A Lei 9394, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996 assegura o seguinte:

Artigo 19 – Inciso III – Confessionais [escolas], assim entendidas são as instituídas por grupos de pessoas físicas ou por uma ou mais pessoas jurídicas que atendem a orientação confessional e ideológica específicas.

Artigo 33 – “O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental assegurado o respeito à diversidade cultural do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.”

§1º – Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.

§2º – Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição do ensino religioso.

No entanto, essa lei é bastante ampla e ambígua, pois deixam várias lacunas “a serem preenchidas pelos Conselhos Estaduais de Ensino conforme realidade e vivências regionais, ficando para as Secretarias Estaduais e os Conselhos de Educação sua regulamentação” (VIEIRA, 2011, p. 52).

Em relação a escolas confessionais apresentado no artigo 19, III, da Lei 9394/1996, de acordo com reportagem publicada na CBN, escrita por Soares (2017), menos de 50% das escolas brasileiras desenvolvem projetos ou atividades que levam em consideração a diversidade religiosa. A afirmação é baseada na análise do Censo Escolar do MEC (Ministério da Educação e Cultura). Além disso, de acordo com o censo do MEC mais de um terço dos colégios tem aulas obrigatórias de ensino religioso. E apenas 3% das escolas praticam o chamado ensino confessional, ou seja, aquele atrelado a uma religião específica.

Conforme descreve Silva Junior (2018) em seu livro, “O que você precisa saber sobre Capelania”, há uma diferença entre ensino religioso e capelania, a saber: “O ensino religioso é uma disciplina de oferecimento obrigatório e matrícula facultativa que deve ser ministrada nos “horários normais das escolas públicas de ensino fundamental.” A capelania atua de forma diferente.

Consiste num leque de atividades (orações, liturgias, ministrações, rituais...) de cunho espiritual que visa assistir às pessoas que, por si mesmas, não conseguem buscar o amparo religioso de que necessitam. Justamente por isso a ideia de capelania se restringe às instituições de internação coletiva. Em termos bem simples, como o interno não tem condições de procurar a religião, a religião vai até ele (SILVA JÚNIOR, 2018, p. 98,99).

Entende-se que, apesar dessa diferença, crendo no Deus bíblico, é possível anunciar “valores caríssimos à harmonia social, tais como: amor, perdão, amizade, paz, respeito ao próximo, valorização da família” (SILVA JÚNIOR, 2018, p. 99).

A capelania escolar então, pode levar assistência espiritual em qualquer circunstância, tanto individualmente como em grupo. Significa ter uma palavra firme, encorajadora, motivadora, possibilitando ao aluno refletir sua condição, mas que também, seja incentivado a crer que há solução. É diferente da educação religiosa, que é oferecido nas escolas como uma disciplina, com seus conteúdos. Um capelão deve se dispor a ajudar, orar, escutar, aconselhar e incentivar quando alguém necessita. Entende-se que o capelão deve estar preparado para diversas situações, utilizando-se sempre do amor, independentemente de sua religião.

2 O CAPELÃO E OS OBJETIVOS DA CAPELANIA ESCOLAR

2.1 O QUE SIGNIFICA SER CAPELÃO

O capelão cristão presta assistência através dos ensinamentos bíblicos, mas também cuida da área social, porém, não é exclusivo de uma igreja. O capelão, no exercício da capelania, precisa estar sempre pronto a ouvir, ter disposição e prudência nas mais variadas situações e tem como papel essencial o cuidado. Presta auxílio às famílias, conforta em situações de pesar, esforçando-se para dar uma palavra de ânimo.

[...] Alguém que deseja ser capelão deve ter um perfil que se adapte; capacidade de exercer o dom da misericórdia, saber servir, entender a dignidade da pessoa humana, saber respeitar e conviver com o diferente, não ser denominacionista, saber atentar para a necessidade do próximo e da instituição onde atua etc. (ALVES, 2017, p. 219).

O capelão escolar tem um papel determinante na escola, pois sua função é instruir, aconselhar, fazer com que a criança e o adolescente compreendam e sintam a necessidade de mudança de atitudes, de hábitos, que consigam relacionar-se melhor com seus colegas, professores e familiares. Ele é um instrutor, um facilitador, uma pessoa a atuar como um mediador ou conciliador em um conflito. É alguém preparado para as mais diferentes situações que encontrará em um ambiente escolar (VIEIRA, 2011, p. 19, 20).

O compromisso da capelania é levar conforto, alívio, conselho, encorajamento para que as pessoas possam enfrentar as situações contrárias com coragem, ânimo, firmeza, proteção e otimismo (SANTOS, 2008, p. 16). Portanto, é importante para as instituições adotarem a prática

de capelania e contar com a presença de um capelão para contribuir e prestar assistência quando necessário.

A capelania escolar atua em instituições representadas pelos ensinos fundamental, médio e universitário alcançando alunos, professores e funcionários. O auxílio religioso e espiritual na escola colabora com o ensino e o aprendizado por meio de experiência de fé e da construção de relacionamentos saudáveis. Contribui também com a preparação dos alunos por meio do fortalecimento dos princípios morais, cívicos e religiosos, prestando auxílio em momentos de instabilidades pessoais, familiares ou de outra origem. A capelania atua juntamente com a coordenação pedagógica (SANTOS, 2008, p. 16).

Nesse sentido, professores e funcionários também são alcançados de uma maneira especial através da capelania escolar, pois seu aprimoramento íntimo, seu bem-estar e seu convívio com os pais, alunos ou responsáveis são fortalecidos (ALVES, 2017, p. 208).

2.2 OBJETIVOS DA CAPELANIA ESCOLAR

De acordo com Dutra (2015), o objetivo da capelania escolar é auxiliar a direção, professores e familiares repelir a violência, trabalhando o ambiente familiar, pois muitas vezes os conflitos começam em casa e estendem-se ao ambiente escolar. Ela se ocupa em promover palestras, ensinamentos voltados a realidade vivida com esperança de que se houver mudança por parte dos envolvidos, haverá também solução para as questões.

Além disso, procura inspirar através da Palavra de Deus, sem fazer uso da crença nesta ou naquela determinada religião, pois a mensagem fará com que a comunicação e o diálogo sejam abertos e possíveis soluções possam ser encontradas. A capelania promove reuniões em que pais e professores possam interagir. O capelão através do aconselhamento, também terá expressiva participação na vida da escola (DUTRA, 2015).

Nesse sentido, observa-se a importância e a influência positiva da capelania escolar em algumas outras situações, tais como: auxílio na escolha da profissão, estímulo para atitudes importantes, ajuda nas situações em que as aflições cotidianas possam afetar o desempenho tanto do aluno como do professor, atividades que promovam a interatividade, incentivo ao crescimento de suas habilidades criativas e muitas vezes inovadoras, desenvolver o diálogo como maneira de crescimento (SANTANA, 2011).

2.3 QUALIDADES DO CAPELÃO

Devido às características do trabalho delicado de capelania, o capelão escolar deve preencher alguns requisitos, de acordo com Santos (2008, p. 18), tais como:

- a) Ter uma conduta exemplar como líder cristão.
- b) Relacionar-se bem com outros de credo religioso diferente.
- c) Trabalhar em equipe, colaborando em atividades coletivas.
- d) Interessar-se pelo crescimento, sustentação e reputação da instituição onde trabalha.
- e) Ter conduta exemplar com os alunos, não permitindo exageros na liberdade, mesmo relacionando-se de maneira próxima e solidária.
- f) Ser íntegro, não usando sua posição para obtenção de vantagens e favores, tanto de alunos, como de pais.
- g) Não se apoiar na amizade e na convivência, mas estar qualificado para exercer sua função com instrução e sabedoria.

Além disso, ser capelão não é simplesmente fazer um curso de capelania. Se a pessoa não tem vocação para esta atividade, não conseguirá se realizar. Ser capelão, da mesma forma como ser pastor, “não é uma mera profissão, é uma vocação. É sentir um chamado para fazer a diferença na área escolhida por Deus” (MANUAL DE CAPELANIA, 2019).

Sem dúvidas, haverá muitos desafios quanto a atuação do capelão, mas, acredita-se no princípio de que se começar a tratar espiritualmente e emocionalmente as pessoas, especialmente as crianças e adolescentes, aconselhando e levando-as ao conhecimento do amor de Deus, situações adversas podem ser revertidas nas escolas.

3 O CUIDADO ESPIRITUAL COM BASE NO ACONSELHAMENTO CRISTÃO

Conforme Santos (2008, p. 14), ao longo da história o ser humano vem tirando Deus do centro de sua vida e de sua família, e como decorrência disso, o suporte de proteção da moral, da ética e do comportamento deixou de existir. E uma ação importante é resgatar a busca por Deus. Dessa forma os valores de família serão resgatados, bem como serão resolvidos muitos problemas do ambiente escolar.

Hoje, a realidade social na qual se encontra o nosso país, com a perda de valores acentuando-se cada vez mais, o crescente índice de violência, a proliferação das drogas, sexualidade exacerbada, perda da referência familiar e outros males que assolam nossa sociedade, tudo isso, afeta profundamente nossas escolas, que não

sabem mais o que fazer para solucionar problemas tão graves, tirando a atenção das instituições de sua principal missão (SANTOS, 2008, p. 14,15).

Nesse sentido, providências precisam ser tomadas com resultados firmes, atitudes competentes e conduta adequada, para que os princípios morais e o equilíbrio sejam resgatados (SANTOS, 2008, p. 15). Fazer parte da escola, atuando como capelão, exige prudência, moderação em todas as circunstâncias, pois ele está sendo observado e servindo como referencial tanto para os alunos como professores e demais funcionários. Suas atitudes e atos de bondade devem influenciar com sabedoria o ambiente escolar.

Maristela Lemos (2018, p. 33,34) destaca algumas virtudes da capelania escolar fundamentada na Bíblia. Para a autora, nas atividades da escola, em datas comemorativas, ou em reuniões agendadas ou não, o capelão olha para esses momentos como uma oportunidade de apresentar a realidade das Escrituras, sem constranger ninguém e respeitando a escola. A alegria deve ser contagiante, tanto no particular como no todo, pois pessoas assim animam o lugar. No ambiente escolar, muitos não tem noção do sofrimento, da dor, das lágrimas dos alunos, professores e família.

Além disso, o apóstolo Paulo, em Romanos 12.14,15 incentiva o acolhimento quando diz: “Abençoem aqueles que os perseguem; abençoem, e não os amaldiçoem. Alegrem-se com os que se alegram; chorem com os que choram”.

Chorar com aqueles que choram era uma própria expressão de condolência na maioria da cultura antiga. Embora os filósofos e moralistas advertissem frequentemente contra chorar muito, porque “isso não faz bem algum”, casamentos judeus e cerimônias de luto (inclusive procissões funerárias às quais o público se juntava) pressupunham o princípio que Paulo declara aqui (KEENER, 2004, p. 458).

Para Lemos (2018, p. 33,34), nas situações propícias para se alegrar com os que se alegram e chorar com os que choram (Rm 12.15), este é um momento para que o capelão exerça a prática de suas atribuições, ou seja, levar conforto aos corações firmado no amor de Deus. O versículo retrata as palavras do apóstolo Paulo, quando escreve à igreja de Roma, para que pudessem compreender que obteriam vitória através da união. Paulo está se referindo a identificar-se emocionalmente com as pessoas no cuidado espiritual. Essa é uma virtude bíblica.

Outro texto citado pela autora está em Zacarias 11.16 sobre o pastor que deveria preocupar-se com suas ovelhas. Nesse contexto, o juízo de Deus viria sobre os pastores imprudentes que não cuidavam de suas ovelhas, não dispensando a elas tempo e dedicação, negando-lhes amor. “Ai do pastor imprestável que abandona seu rebanho” (Zc 11.17).

As escolas também têm ovelhas perdidas, feridas por dependência química, violência doméstica, famílias desestruturadas, transtornos suicidas, automutilação, bullying, pressão de

grupos, rejeição, pensamentos de inferioridade, necessitando de um cuidado especial. E quando esta situação ocorrer, o capelão deverá estar pronto a tomar conta destas pessoas. Isso demanda um preparo para o capelão escolar no sentido de aprender ferramentas de cuidado e aconselhamento.

Do mesmo modo, acrescenta-se também à capelania a disposição para fazer o bem, e identificar a carência do seu semelhante, demonstrando que se importa, independentemente da circunstância. Pois, de acordo com Tiago 4.17, as pessoas devem “fazer o bem para não pecar” contra o próximo (LEMOS, 2018, p. 34). Portanto, essa orientação é bíblica.

Além disso, conforme Lemos (2018, p. 34), difundindo-se princípios éticos e morais, desde cedo, tendo como base a Palavra de Deus, no tempo certo irá frutificar o trabalho do capelão. A escola é um terreno amplo, e o auxílio aos alunos é uma das maneiras de também ajudar as famílias pois, “ensino produz maturidade” (Pv 22.6). A autora, com base em Provérbios 11.14, afirma que um capelão ao ter seus conselhos alicerçados na Bíblia e no temor no Senhor, “quando tiver a possibilidade de estar orando junto com a pessoa que for atendida, “estará ajudando-a e não a arruinando”.

3.1 O ACONSELHAMENTO NO CUIDADO ESPIRITUAL

Em seu livro, “Aconselhamento Cristão”, Collins (2004, p. 44) lista alguns objetivos do aconselhamento, sendo que o alvo principal de todo conselheiro discípulo de Jesus Cristo “também é este: mostrar às pessoas como ter vida abundante e leva-las a encontrar o caminho da vida eterna prometida a todo aquele que crê”. Pois, segundo o autor, somente quem procura viver de acordo com os ensinamentos bíblicos podem ter vida abundante. Além disso,

o aconselhamento pode ajudar as pessoas a identificar padrões de pensamento que gerem atitudes negativas, aperfeiçoar seus métodos de relacionamento interpessoal, ensinar novos comportamentos, orientar em decisões difíceis, ajudar a mudar seu modo de viver, ou ensinar a mobilizar recursos nos momentos de crise. Em alguns casos, o aconselhamento guiado pelo Espírito Santo consegue libertar o indivíduo de complexos arraigados, memórias do passado ou atitudes que estão impedindo o seu amadurecimento (COLLINS, 2004, p. 44).

Observa-se que, para um aconselhamento ser eficaz, as metas a serem alcançadas, dependendo do problema do aconselhando, possuem alguns elementos que aparecem, provavelmente, em todas as listas de metas. Segundo o autor (2004, p. 45,46), um desses elementos é o autoconhecimento, pois muitos problemas são gerados pelo próprio indivíduo e ele pode não estar conseguindo perceber sozinho com clareza o que acontece no seu interior e

no mundo a sua volta. Ele precisa reconhecer a existência de ideias preconcebidas e modos de pensar que são prejudiciais ou comportamentos autodestrutivos.

Outro elemento importante apontado pelo autor é a comunicação, pelo fato de serem muitas pessoas incapazes de se comunicar, “ou não querem fazê-lo”.

O aconselhando deve ser estimulado a expor seus sentimentos, pensamentos e emoções de maneira clara e precisa. Esse tipo de comunicação exige que a pessoa aprenda a se expressar com clareza e a interpretar corretamente as mensagens transmitidas pelos outros (COLLINS, 2004, p. 45,46).

O aprendizado com mudança de comportamento também é um elemento a ser considerado, uma vez que a maior parte dos comportamentos humanos, senão todos, são aprendidos.

O aconselhamento, portanto, inclui ajudar o aconselhando a desaprender comportamentos nocivos, substituindo-os por outras formas de ação mais produtivas. Esse tipo de aprendizado ocorre através do ensino, da imitação de um modelo que pode ser o próprio conselheiro ou outra pessoa, e da experiência prática baseada na tentativa e erro. Em alguns casos, é necessário analisar também qual o motivo do fracasso, para que o aconselhando possa corrigir o erro e tentar de novo (COLLINS, 2004, p. 45,46).

Além dos elementos já destacados, que influenciam as metas do aconselhamento, o autor ainda aponta outros que são: auto realização, apoio e integridade espiritual. As pessoas precisam ser ajudadas a atingirem ao máximo seu potencial, no conceito da “auto realização”, sendo essa “uma meta intrínseca de todo ser humano.”

A motivação faz com que o aconselhando melhore em suas dificuldades, tendo o capelão maior êxito no seu trabalho, por isso deve-se sempre enfatizar as realizações e objetivos alcançados em cada encontro.

[...] Muitas vezes, as pessoas conseguem atingir todos os objetivos [...] e desempenhar suas funções adequadamente, exceto por períodos temporários de estresse ou em momentos de crise. Esses indivíduos precisam receber apoio, encorajamento e ajuda para “levar sua carga” durante um período, até que possam mobilizar novamente seus recursos emocionais e espirituais para enfrentar os problemas da vida (COLLINS, 2004, p. 46).

Além disso, segundo o autor, “os aconselhados muitas vezes tem dificuldade de ver, ou de admitir que todos os problemas humanos têm uma dimensão espiritual”.

O aconselhamento é importante no cuidado espiritual, porque ajuda as pessoas compreenderem melhor suas atitudes, necessidades e ações, auxiliando na busca de soluções. Em algumas situações é difícil para a pessoa admitir que precisa de cuidado tanto emocional, como espiritual, e é neste momento que a presença do conselheiro é fundamental, tendo uma

palavra de encorajamento e apoiada nas escrituras, pois existem muitos conflitos internos que precisam ser trabalhados com ajuda.

3.2 ALGUNS MÉTODOS PARA O ACONSELHAMENTO

Para Collins (2004, p. 48-51), não existe uma fórmula milagrosa para auxiliar pessoas. É um procedimento muitas vezes difícil, porém há alguns métodos que podem ser usados no aconselhamento, que consistem em: Dar atenção, ouvir, responder, apoiar e encorajar, ensinar e filtrar.

O conselheiro deve procurar mostrar ao aconselhando que está prestando atenção a tudo que ele diz. Isso envolve (a) contato visual - olhar nos olhos da pessoa, mas não fixamente, como forma de transmitir compreensão e desejo de ajudar; (b) postura - que deve ser relaxada e não tensa, inclinando-se periodicamente, na direção do aconselhando; e (c) gestos - naturais, mas não excessivos, nem de um tipo que possa distrair a atenção do interlocutor. (*id.*).

Para isso, “o conselheiro deve ser cortês, gentil e fortemente motivado a compreender os outros”. Nesse sentido, “ajudar as pessoas é uma tarefa trabalhosa e que envolve sensibilidade, preocupação sincera com o aconselhando e atenção a cada detalhe que ele possa estar tentando comunicar”. E, o ouvinte deve participar ativamente sem ser indiferente. Para ser eficiente o processo de escuta ativa é necessário:

- a) Ser capaz de deixar de lado seus próprios conflitos, tendências e preocupações para poder se concentrar no aconselhando.
- b) Evitar sutis expressões, verbais ou não de desaprovação ou julgamento em relação ao que está sendo dito, mesmo quando o conteúdo for repugnante.
- c) Manter os olhos e ouvidos bem abertos para detectar mensagens transmitidas pelo tom de voz, postura, gestos, expressões faciais e outras pistas não verbais.
- d) Ouvir não apenas o que está sendo dito, mas perceber o que está sendo omitido.
- e) Aguardar pacientemente durante os períodos de silêncio ou acesso de choro em que o aconselhando está reunindo coragem para falar de algum fato doloroso, ou apenas organizando o pensamento e se recompondo para continuar a sessão.
- f) Olhar para o aconselhando quando ele estiver falando, mas sem encarar nem deixar que os olhos fiquem passeando pela sala.
- g) Aceitar o aconselhando, sem ter que compactuar com suas ações, valores e crenças. Jesus aceitou a mulher apanhada em adultério, muito embora não aprovasse seu comportamento. Procurar ver as coisas sob seu ponto de vista (COLLINS, 2004, p. 48-51).

De acordo com o autor, Jesus era bom ouvinte, embora “os métodos que ele utilizava para ajudar as pessoas também envolviam ações e respostas verbais objetivas”. Portanto, cabe ao conselheiro também responder. Além disso, apoiar e encorajar são partes importantes de qualquer situação de aconselhamento, principalmente no início.

Quando as pessoas estão sobrecarregadas de carências e problemas, precisam muito da sensação de estabilidade e do carinho de uma pessoa que demonstra aceitação e as reconforta. Isso é mais do que levantar os abatidos. Apoiar inclui ajudar o aconselhando a lançar mão de seus próprios recursos espirituais e psicológicos, encorajando-o a enfrentar quaisquer problemas ou fracassos que essa ação possa vir a provocar (COLLINS, 2004, p. 51).

Além do mais, o conselheiro ensina e filtra o que o aconselhando diz, como um educador que instrui, dá exemplo e orienta com discussões objetivas de situações concretas e não de assuntos vagos (COLLINS, 2004, p. 51).

Nota-se que conforme o capelão aplica os métodos de aconselhamento de maneira correta, o aconselhando obtêm êxito em suas dificuldades de maneira mais eficaz e rápida. Por esse motivo, o aconselhamento baseado na Bíblia e, também didaticamente são importantíssimos para o trabalho de um capelão escolar, devendo ele estar preparado para atender corretamente o aconselhando.

Os bons conselheiros não são pessoas cépticas que duvidam de tudo que o aconselhando diz. [...] Algumas vezes, o aconselhando apresenta um relato distorcido deliberadamente, ocultando os detalhes comprometedores ou embaraçosos. [...] não conseguem ver seus problemas sob uma perspectiva mais ampla. Às vezes, [...] não conseguem, ou não querem, tocar em outros mais profundos. Portanto, quando você estiver aconselhando, tente categorizar mentalmente as palavras do aconselhando. O que está realmente, perguntando? O que essa pessoa quer de mim, na verdade? Será que existem outros problemas além dos que foram mencionados? (COLLINS, 2004, p. 51).

Nesse sentido, às vezes, nem sempre as pessoas estão dispostas a mudar, mesmo que falem de determinada demanda. A explicação do autor é o fato de falarem por desejar “solidariedade, atenção, catarse, ouvir o ponto de vista de uma outra pessoa, ou um meio de fugir de uma situação desagradável”. E o conselheiro começa a perceber esses motivos ocultos à medida em que vai adquirindo mais experiência, e o aconselhando pode não ter dado conta dessas motivações.

Em seu capítulo sobre a comunidade e o aconselhamento, Collins expõe sobre o aconselhamento comunitário como um meio de solução de problemas, pois, “a comunidade que cria o problema também pode ser uma fonte de estímulo, um local de aprendizado e um ambiente de cura.” Isso pode incluir:

Ensinar habilidades sociais: para que as pessoas aprendam a lidar melhor com o estresse, relacionar-se com os outros e dirigir sua vida.

Construir uma rede de apoio social: promovendo crescente cooperação comunicação e unidade numa família ou instituição da comunidade (incluindo igreja), para que haja mais apoio e menos isolamento entre os membros.

Preparar cooperadores leigos: dando-lhes treinamento e estímulo para que eles possam prestar aconselhamento, ensino, assistência palpável, apoio em grupos de auto ajuda e outros tipos de auxílio de que as pessoas necessitam dentro da comunidade.

Providenciar ajuda externa: recorrendo à assistência ou conhecimento especializado de membros da comunidade que possam contribuir para a solução dos problemas do aconselhando.

Evitar problemas: antevendo acontecimentos que podem vir a ocorrer e ajudando os indivíduos e grupos de pessoas a desenvolver técnicas e promover mudanças para evitar problemas futuros.

Transformar a comunidade: muitas vezes através de ações sociais e políticas que visam a reduzir a pobreza, o estresse, o desemprego, a pornografia, a violência, a ignorância, o comportamento pecaminoso, ou outras influências ambientais nocivas (COLLINS, 2004, p. 59, grifo nosso).

Enfim, o aconselhamento na capelania escolar é um dos meios mais eficientes para propagar o amor de Deus. Em algumas situações, o aconselhando somente precisa ser ouvido, e saber que vai ter alguém preparado, disposto a escutá-lo e ajudá-lo a encontrar um caminho para a solução da sua necessidade. Isto é algo compensador tanto para o conselheiro como para o aconselhando.

4 AS ATIVIDADES QUE PODEM FAZER PARTE DA CAPELANIA ESCOLAR

As atribuições do capelão escolar e algumas das diversas possibilidades de atuação em seu ambiente de trabalho, segundo Santos (2008, p. 20,21) são:

- a) Atuar na coordenação dos trabalhos de capelania, submetendo-se à direção da escola, agindo em concordância;
- b) Indicar auxiliares, estagiários e voluntários de capelania para trabalhar em lugares específicos como também no auxílio aos estudantes, familiares e funcionários;
- c) Observar as regras da escola, bem como relacionar-se bem com outros capelães seguidores de outra crença;
- d) Substituir a escola em atos fúnebres, bem como conduzi-lo, se esta for a vontade da família ou o pedido da escola;
- e) Relacionar-se bem com alunos, professores e funcionários;
- f) Direcionar a profissionais capacitados os casos que não são de seu domínio e qualificação;
- g) Auxiliar aos projetos extras desenvolvidos e apoiados pela escola.

Verifica-se, então, que o capelão escolar precisa esforçar-se em trabalhar juntamente com a escola, empenhando-se em manter o equilíbrio e a harmonia, compreendendo que sua função é orientar e encorajar, tanto escola como família. (SANTOS, 2008, p. 20, 21). Além disso, a capelania não deve limitar-se aos aconselhamentos e às atividades de dias especiais, de

acordo com o autor (2008, p. 29) pois, “é bom lembrar que o capelão deve ser uma pessoa próxima ao aluno, de boa comunicação e que possua o respeito e acesso aos meios de atuação”.

O autor sugere algumas atividades práticas que podem ser agregadas no exercício da capelania escolar:

- a) [...] organizar, uma vez por semana, um culto que envolva todos os alunos, professores e funcionários. Este não deve ser extenso, mas com conteúdo que vá de encontro às necessidades, falando aos corações dos presentes. [...] deve ser segmentado, respeitando as faixas etárias existentes na instituição, para que a linguagem seja contextualizada.
- b) [...] esporte na busca dos objetivos da capelania, sempre com o objetivo claro e fazendo uma aplicação prática ao término da atividade.
- c) A música deve ser contemporânea e ter linguagem jovem. Ela é uma preciosa ferramenta que deve ser explorada, em classe e extraclasse. O capelão poderá ter uma equipe de música formada por alunos e/ou professores e funcionários que o ajude. Esse envolvimento estabelecerá a liderança do capelão.
- d) [...] Através das peças teatrais, o capelão pode trabalhar as emoções, proporcionando ao aluno um “exercício” de cura, que a Psicologia chama de catarse, refletindo sobre problemas que devem ser tratados, como drogas, indisciplina, sexualidade precoce, etc.
- e) Filmes educativos devem ser usados. A seleção deve ser feita com muito critério, sempre lembrando que como nas demais atividades, a aplicação é fundamental.
- f) Ação comunitária. As atividades externas são importantes e fazem o aluno ter acesso ao mundo real, sempre dentro de uma perspectiva sadia, com boa orientação.
- g) Palestras devem atender ao propósito de suprir as necessidades observadas no dia a dia do aluno. Por exemplo, se a escola está sofrendo com problemas de drogas, a capelania pode marcar uma palestra para toda escola sobre esse assunto. Nesse caso, pessoas de fora da escola podem ser convidados para ministrá-las (SANTOS, 2008, p. 30-32).

Adriano Cruz (2018), no livro “Diário do Capelão”, sugere algumas ideias criativas a serem usadas, pelo capelão, no dia a dia da escola. Elas permitem trabalhar valores como: companheirismo, unidade, respeito ao próximo, honestidade e competitividade. Essas ideias podem ser utilizadas para mobilização e sensibilização ao aconselhamento.

Em algumas brincadeiras é possível trabalhar valores como concentração, paciência, cooperação e trabalho em equipe, tendo como foco principal uma movimentação em grupo para que mais alunos conheçam o trabalho de um capelão escolar, podendo abrir caminhos para uma boa orientação espiritual destes alunos. Com estas brincadeiras, são trabalhados os comandos de obediência e amizade ao mesmo tempo que ensina valores espirituais, aproximando-os de Jesus.

Enfim, o capelão escolar precisa trabalhar de acordo com as normas da escola, mantendo o equilíbrio, a harmonia, orientando tanto escola como alunos e, se, necessário, as famílias. As atividades que envolvem resgate de valores, trabalho em equipe, respeito, amizade, precisam

estar presentes, pois através destes ensinamentos haverá também o estímulo para conhecer a Jesus.

CONCLUSÃO

O tema estudado neste trabalho diz respeito ao Capelão atuante no ambiente escolar bem como a sua relevância na prática desta modalidade de assistência religiosa. A capelania escolar é um tema importante pois, como toda a capelania em geral, trata de demandas emocionais e espirituais, principalmente da criança e do jovem. Observou-se que no meio estudantil há necessidade de ajuda e apoio nessas áreas pois tais necessidades podem ser supridas com o auxílio e a ajuda de um capelão.

A capelania escolar atua em instituições representadas pelos ensinamentos fundamental, médio e universitário alcançando alunos, professores e funcionários. O auxílio religioso e espiritual na escola colabora com o ensino e o aprendizado por meio de experiência de fé e a construção de relacionamentos saudáveis.

Evidenciou-se o tema de aconselhamento como sendo um meio importante de exercer a capelania escolar. Para ser eficaz estes aconselhamentos, o capelão deve identificar algumas características do próprio aconselhando, pois, muitas vezes os problemas são gerados por ele mesmo. Ainda assim, constatou-se que para um bom exercício da atividade de capelão escolar, ele deve atuar de maneira correta, respeitosa, ética e ter uma boa convivência com os alunos, pais, professores e funcionários da escola.

É importante para o capelão incluído no ambiente escolar, o cuidado com a sua preparação, estudo, aplicação, empatia, respeito e cordialidade. O trabalho inicia através de seu exemplo de vida. Desta forma, estará acolhendo adequadamente e orientando todos os envolvidos no meio estudantil, colaborando para uma mudança de vida e de comportamento. Ele age acolhendo, ouvindo, dando suporte espiritual, orientação emocional e não visando o evangelismo diretamente. É também importante destacar a eficácia do aconselhamento individual.

REFERÊNCIAS

ALVES, Gisleno Gomes de Faria. **Fundamento histórico da capelania**. In ALVES, Gisleno Gomes de Faria. (ORG). Manual do Capelão – Teoria e prática. São Paulo: Hagnos, 2017.

BÍBLIA. Bíblia Online. Nova versão internacional (NVI). Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/>>. Acesso em: 28/11/2020.

BRASIL. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei 9394/ 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm>. Acesso em: 22/9/2020.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Artigo 15. Artigo 210. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 22/9/2020.

COLLINS, G.R. **Aconselhamento Cristão**: edição século 21. Tradução: Lucília Marques Pereira da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2004.

COSTA, Oziel Escher. Capelania no Brasil. Campinas, 2009. **In Evangelismo Total**. Disponível em: <<http://evangelismototal.blogspot.com/2009/02/capelania-no-brasil.html>>. Acesso em: 30/6/2018.

CRUZ, Adriano. **Diário do Capelão**. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2018.

DUTRA, Benedito. Capelania Escolar. 2015. **In Concebras**. Disponível em: <<http://www.concebras.com.br/modules/view/7>>. Acesso em: 26/06/2020.

KEENER, Craig S. Comentário Bíblico Atos – Novo Testamento. Tradução: José Gabriel Said. Belo Horizonte: Atos, 2004.

LEMOS, Maristela Dos Santos. **Capelania Escolar**. Uma ferramenta de apoio aos desafios dos adolescentes e uma porta de entrada para a igreja junto ao desenvolvimento da comunidade local. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2018.

MANUAL DE CAPELANIA. 2019. **In Faculdade Boas Novas**. Disponível em: <<https://fbnovas.edu.br/site/wp-content/uploads/2019/02/Acervo%20em%20PDF/Manual%20de%20Capelania.pdf>>. Acesso em: 28/06/2020.

MATÉRIAS ESCOLARES – Ensinos fundamental e médio. Ensino Fundamental e Ensino médio 1º e 2º grau, escolas e dúvidas: <<https://www.materias.com.br/educacao/ensino-fundamental-e-ensino-medio/>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

SANTANA, Jean Carlos Marques. Projeto de Capelania Escolar: Uma visão da razão, objetivos e propósitos da capelania no contexto da escola. 2011. **In Slides share**. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/ElíanXamar/texto-do-projeto-de-capelania-escolar-2-edio-7483662>>. Acesso em: 26/06/2020.

SANTOS, Marcio Alexandre de Moraes. **Manual de instrução do Capelão Escolar**. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2008.

SILVA JUNIOR, Antônio Carlos. **O que você precisa saber sobre capelania**. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2018.

SOARES, Lucas. Menos da metade das escolas brasileiras falam da diversidade religiosa em sala de aula. 2017. Disponível em: <<https://m.cbn.globoradio.globo.com/editorias/pais/2017/09/20/menos-da-metade-das-escolas-brasileiras-falam-em-diversidade-religiosa-em-sala-de-aula.htm>>. Acesso em: 23/11/2020.

UNIVERSIDADE DA BÍBLIA. 2012. **O que é Capelania?** Disponível em:
<<http://www.universidadedabiblia.com.br/oqueecapelania/>>. Acesso em: 30/06/2018.

VIEIRA, Waldir. **Capelania Escolar - Desafios e Oportunidades**. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2011.